

Línguas estrangeiras/adicionais, educação crítica e cidadania

Kleber Aparecido da Silva (org.)

EDITORA
UnB 



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Línguas estrangeiras/adicionais, educação crítica e cidadania

Kleber Aparecido da Silva (org.)

EDITORA
UnB 

Coordenação de produção editorial

Assistência editorial

Revisão

Projeto gráfico, diagramação e capa

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo

Lara Perpétuo dos Santos

Marina Ávila Birriel

Cláudia Dias

© 2018 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar.

Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, CEP: 70302-907.

Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

L755 Línguas estrangeiras/adicionais, educação crítica e cidadania /
Kleber Aparecido da Silva (org.). – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2022.
320 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5846-133-3.

1. Línguas estrangeiras - Estudo e ensino. 2. Professores de línguas - Formação. 3. Cidadania. 4. Linguística aplicada. I. Silva, Kleber Aparecido da (org.).

CDU 81'243



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

- 9** | **PREFÁCIO**
Viviane Heberle – UFSC
- 13** | **APRESENTAÇÃO**
Kleber Aparecido da Silva – UnB
- 15** | **PARTE 1**
**A formação de professores de línguas:
políticas, experiências e identidades**
- 17** | **CAPÍTULO 1**
**Políticas linguísticas em educação:
o lugar incerto da formação docente**
Egon de Oliveira Rangel – PUC-SP
- 31** | **CAPÍTULO 2**
**A política linguística brasileira para as línguas estrangeiras:
confrontando discursos e práticas estatais**
Elias Ribeiro da Silva – Unifal-MG
- 49** | **CAPÍTULO 3**
**Experiências, crenças e identidades de professores de línguas em
formação inicial: um olhar a partir de narrativas orais e visuais**
Fabrizia Lúcia da Cosa – UEG
Kleber Aparecido da Silva – UnB

- 81** | **CAPÍTULO 4**
Identidades de professores/as de inglês na mídia: tendências à homogeneização e possibilidades de contradiscursos
Mariana R. Mastrella-de-Andrade – UnB
Ana Castello – UnB
Gabriel Nascimento – UFSB
- 105** | **CAPÍTULO 5**
O uso de relatos pessoais para abordar questões identitárias no ensino e aprendizagem de línguas
Olena Kovalek – UFSCar
- 123** | **CAPÍTULO 6**
O estágio supervisionado de língua inglesa à luz da Linguística Aplicada
Domingos Sávio Pimentel Siqueira – UFBA
Mônica Veloso Borges – Uneb/UFBA
- 149** | **CAPÍTULO 7**
Aprendendo a ser professor de inglês: uma experiência em sala de aula da rede pública de ensino
Marcia Letricia Gomes Barbosa – UFT
- 177** | **CAPÍTULO 8**
O Projeto Cecla e a criação de uma comunidade de prática: questões sobre a necessidade de melhor formação linguística e o despertar para o papel social e político do professor
Daniella Corcioli Azevedo Rocha – UFT

- 211** | **PARTE 2**
**Ensino e aprendizagem de línguas:
tecnologias, avaliação e diretrizes**
- 213** | **CAPÍTULO 9**
**“Aprender sem fronteiras”:
experiências de aprendizagem de alunos de língua inglesa**
Cristiane Manzan Perine – IFTM/UFU
- 247** | **CAPÍTULO 10**
**Práticas avaliativas no ensino de língua estrangeira
para crianças**
Myriam Crestian Cunha – UFPA
Emília Gomes Barbosa – Seduc/Semed-Castanhal /PA
- 269** | **CAPÍTULO 11**
**O Ensino Médio Inovador como um dos programas que
pavimentou a reforma do ensino médio: o estado do
Tocantins em análise**
Neila Nunes de Souza – UFT
- 289** | **CAPÍTULO 12**
**Letramento e discurso: a divulgação de textos por
representantes do povo Mundurukú (PA) e a representação
social do índio no século XXI**
Cássia Alessandra Braga dos Santos – UnB
Natália Gouveia Moura – UnB
- 312** | **POSFÁCIO**
Fernanda Liberali – PUC-SP/CNPq

Posfácio

Fernanda Coelho Liberali – PUC-SP/ CNPq

Aprender línguas, na atualidade, envolve engajamento social e discursivo em um mundo multimodal, multicultural e multimidiático. Essa situação acaba por demandar de professores um engajamento crítico em seu contexto de atuação e na realidade circundante ainda maior. Assumir posturas críticas, cidadãs, engajadas faz-se, portanto, necessário. Nessa linha, este livro fez um mapeamento da área de ensino e aprendizagem de língua estrangeira/adicional nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental I e II, focalizando questões de parametrizações, material didático, interação em sala de aula, avaliação e formação de professores, considerando centralmente uma preocupação com a criação de contextos informados, significativos e emancipatórios.

Comentários

Ao longo dos capítulos, as discussões realizadas pelos autores criaram uma base conceitual e prática ampla para que reflexões possam ser realizadas em um enquadre cidadão, tendo por base uma educação crítica e um foco em línguas estrangeiras/adicionais. A primeira parte do livro permite uma reflexão sobre identidades, experiências e políticas na formação de professores de língua por meio de discussões sobre o lugar da formação docente e o confronto entre discursos e práticas.

É fundamental, ao pensar questões de ensino de línguas, que o conhecimento das políticas linguísticas materializadas em políticas públicas esteja em processo

constitutivo de contradição. O livro nos mostra a necessidade de compreensão dessas políticas como criadoras de iniciativas de realização de ações concretas, a partir da heterogeneidade de condições em que elas se realizam. As políticas linguísticas formalizadas em documentos oficiais podem não coincidir com aquelas que, de fato, vigoram na sociedade. Nessa direção, os dois primeiros capítulos mostram a relação entre políticas linguísticas existentes, propostas e iniciativas concretas e a necessidade de compreensão dos significados que subjazem a essas ações.

O livro aponta a necessária valorização do *multilinguismo*, dos *plurilinguismos* e da *interculturalidade* na ação e na formação dos educadores. Isso se traduz em uma formação humanística que inclui, por exemplo, as questões de identidades raciais, um diálogo político dentro das salas de aula e uma perspectiva que aponte questões identitárias gerais nesse contexto.

Aborda de forma crítica a discussão da identidade de professores de inglês construída em reportagens de publicação local e nacional, explicando como o discurso da mídia constrói para os professores posições identitárias negativamente marcadas, tais como as de professores incompetentes, despreparados, responsáveis por um engodo. Aponta, ainda, que essas reportagens, por vezes, não abordam discussões sobre as dificuldades encontradas pelos professores em sua formação acadêmica, como a falta de estruturação do ensino de línguas ou o problema da ausência de políticas públicas de incentivo e valorização da carreira docente para o ensino de línguas.

Outro ponto central levantado pelo livro é a compreensão do estágio supervisionado como um momento fundamental para problematizações sobre o processo de ensino e aprendizagem de inglês, autoanálise e reflexão crítica sobre o empreendimento pedagógico. Diferentes capítulos abordam o papel do estágio supervisionado e da formação inicial como uma contribuição relevante para uma formação mais sólida do futuro professor, e, em alguns casos, de outros envolvidos como o professor regente, representantes da direção e coordenação escolar, pais de alunos e professor formador. A troca e o intercâmbio de conhecimentos entre

a universidade e a escola de ensino básico parecem se tornar cruciais elementos transformador de todos e de cada um.

Além disso, a formação inicial ainda é discutida em sua relação com o contexto específico da escola pública. Nesse contexto, o trabalho investigativo e colaborativo acerca de práticas e percepções sobre a sala de aula de línguas poderia oferecer espaço para a reflexão por meio de análise das práticas, tendo por base processos crítico-reflexivos com vistas ao crescimento profissional e à formação dos alunos.

No contexto da formação inicial, o livro trata também de temas como autonomia e tomada de decisão, capacidade de adequação e implementação de práticas mais conscientes e sensíveis ao contexto ou contexto-orientadas, desenvolvimento emocional e habilidades para lidar com as dificuldades e frustrações próprias dos ambientes escolares, além do desenvolvimento do profissional crítico e reflexivo. A partir do Projeto Centro de Estudos Continuados em Letras, Linguística e Artes (Cecella), aponta que a vivência da formação crítico-reflexiva oferece inicialmente oportunidade para o desenvolvimento de maturidade e senso de responsabilidade levando à reflexão acerca das suas carências e à proposição de soluções conscientes, plausíveis e possíveis aos problemas percebidos nos contextos trabalhados.

Na segunda parte do livro, projetos de ensino e aprendizagem são abordados e discutidos. Conceitos como *experiência*, discutindo sua constituição como um sistema adaptativo complexo, por meio da documentação de depoimentos de professores de línguas, são trabalhados. Os autores recomendam que a reflexão e o fazer em sala de aula sejam descritos detalhada e profundamente no que se refere às vivências dos professores. Essa forma de agir se tornará um potencial para programas de formação de professores pré e em serviço.

Partindo de experiências que pressupõem uma visão de Linguística Aplicada Crítica, os capítulos apontam a necessidade de pensar ensino, aprendizagem e formação por uma perspectiva que leve em conta o contexto em que se inserem.

Os capítulos apresentam experiências de ensino e aprendizagem com o uso de *games on-line*. Mostram sua contribuição para a educação em línguas quando

utilizados de forma crítica. Além disso, propõem um olhar mais atento sobre ensino de línguas estrangeiras para crianças (LEC), que demanda reflexão e debate sobre metodologias de ensino, objetivos, princípios e práticas avaliativas.

Ademais, o livro aborda, por meio de análise do contexto de produção, do gênero produzido e do discurso manifestado em cartas de índios Mundurukú, também a importância do desenvolvimento do letramento crítico como forma de engajamento social. Nessa proposta, as práticas de linguagem podem transformar, de forma crítica e informada, modos de atuar no contexto de língua portuguesa.

Por fim, alguns capítulos realizam uma abordagem crítica de programas e políticas públicas. É elaborada a análise da experiência de aprendizagem de alunos de língua inglesa inscritos no Inglês Sem Fronteira, que demonstra a necessidade de problematizações com foco no tipo de cidadão global que está sendo formado pelos ambientes presenciais e virtuais. É ainda discutido o cuidado necessário com propostas como o Programa de Ensino Médio Inovador (ProEMI) do Tocantins, que não prevê uma necessária interação com o contexto escolar, com os partícipes do contexto de implementação, mas que se propõe a uma reformulação curricular de cima para baixo.

Reflexões

Os estudos realizados neste livro, de forma geral, apresentam caráter prático-crítico e trazem impacto político de extrema relevância para o contexto de ensino e aprendizagem de línguas no Brasil. Os temas centrais que focalizam línguas estrangeiras/adicionais, educação crítica e cidadania podem ser até “da moda”, porém a realização de um trabalho sério neste tema, como o realizado por este livro, exige estudo teórico e prático, além de um olhar cuidadoso sobre a “vida que se vive” (MARX; ENGELS, 2007, p. 26).

O conceito de cidadania, proposto nos vários capítulos, está longe de se realizar por uma visão única ou simplificada. Mais difícil ainda é a sua concretização. Segundo Gentili (2001, p. 73), é preciso uma cidadania para o exercício de uma prática

“inegavelmente política e fundamentada em valores como liberdade, igualdade, autonomia, respeito à diferença e às identidades, solidariedade, tolerância e desobediência a poderes totalitários”. A proposta cidadã discutida pelos autores parece focalizar uma perspectiva de cidadania como atividade desejável, construída a partir da participação efetiva de cada um na busca por uma coexistência multicultural. Essa busca se realiza tendo a multiculturalidade crítica como base para a atuação conjunta em um mundo de diversos. Nela, constrói-se a possibilidade de liberdade e de participação.

Como aponta Sen (2000, p. 10), é preciso a “eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente”. Ser um agente de transformação interdependente com o outro pressupõe educação crítica. A educação não deveria necessitar da adjetivação “crítica”. No entanto, as práticas educacionais de manutenção alienadas e alienantes das condições de vida por meio de situações escolares torna necessário o adjetivo. Na educação crítica, os diferentes saberes ou múltiplas culturas assumem papéis nos embates necessários à constituição de novas possibilidades de ser, saber e agir.

Assim, os espaços escolares transformam-se em espaços de realização de múltiplas formas possíveis de representar a realidade, de fazer sentido dela, de criar e de produzir significados. Essas formas variam de acordo com o contexto e a cultura e levam a múltiplos modos de significar.

Se a multiplicidade é uma realidade, as línguas consideradas estrangeiras ou adicionais assumem papel central na construção do espaço com o outro. A produção de possibilidades de modos de viver por meio do desenvolvimento de uma língua tem papel central no desenvolvimento e na implementação de uma educação crítica que permita o exercício da cidadania e a formação do cidadão crítico. Assim, as línguas adicionais ou estrangeiras são compreendidas como centrais para permitir aos participantes encontrar novas formas de expressão humana, com visões de mundo distintas e prenas de diversidade (GARCEZ; SCHLATTER, 2012).

No entanto, é preciso considerar que, para formar o cidadão crítico, é preciso ser crítico. Isso coloca uma demanda sobre os tipos de formação de educadores

propostos. Nessa direção, é necessário entender os espaços de formação crítica, inicial e contínua, como espaços de observação, análise, avaliação e transformação concretas. Torna-se central a esse tipo de formação o desenvolvimento de uma “cadeia criativa de atividades” (LIBERALI, 2009) interligadas com o foco em:

- estudo sistemático do contexto para imersão na realidade;
- discussão das necessidades desse contexto para seleção daqueles aspectos vistos como necessários à melhoria da qualidade de vida da comunidade e à superação de sua condição opressão;
- definição de objetivos compartilhados para atender a necessidade definida como essencial;
- discussão sobre possíveis atividades para atingir esses objetivos, considerando a responsabilidade de cada pessoa e do grupo pela consecução do objetivo coletivo;
- planejamento de atividades interligadas no contexto em foco, com o objetivo de estudar (foco no próprio processo de desenvolvimento), formar (foco no desenvolvimento dos demais e na responsabilidade de cada um por todos) e acompanhar (foco sobre o cuidado constante com os resultados dos processos implementados) o objetivo e a transformação almejada.

Essas preocupações aparecem nos capítulos que compõem este livro e que permitem uma viagem pelo universo crítico-reflexivo da ação e formação de educadores. A obra oferece importante insumo para que se reflita sobre essas práticas e se construam novas possibilidades de agir. Escrever o posfácio para este estudo cuidadoso, teórico e prático, muito me honrou. Espero que discussões como as feitas aqui proliferem. A partir da leitura deste livro, desejo que a preocupação engajada de praticantes e de pesquisadores apresentada se multiplique em uma busca por tornar a educação crítica em línguas estrangeiras/adicionais uma ferramenta de transformação de cada um e de todos.

Referências

COPE, B.; KALANTZIS, M. *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures*. Novaew York: Cambridge. 2000. p. 9-32.

GARCEZ, P. M; SCHLATTER, M. *Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em inglês*. São Paulo: Edelbra, 2012.

GENTILI, P. Educação e cidadania: a formação ética como desafio político. *In: GENTILI, P.; ALENCAR, C. Educar na esperança em tempos de desencanto*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 67-95.

LIBERALI, F. C. Creative chain in the process of becoming a totality. *Bakhtiniana*, v. 2, p. 1-25, 2009.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Tradução de Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SEN, A. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Línguas estrangeiras/adicionais, educação crítica e cidadania

Aprender línguas, na atualidade, envolve engajamento social e discursivo em um mundo multimodal, multicultural e multimidiático. Essa situação acaba por demandar dos professores um engajamento crítico em seu contexto de atuação e na realidade circundante ainda maior. Assumir posturas críticas, cidadãs, engajadas faz-se, portanto, necessário. Nessa linha, esta obra realizou um mapeamento da área de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras/adicionais nos anos iniciais e finais do ensino fundamental I e II, focalizando questões de parametrizações, material didático, interação em sala de aula, avaliação e formação de professores, considerando centralmente uma preocupação com a criação de contextos informados, significativos e emancipatórios.